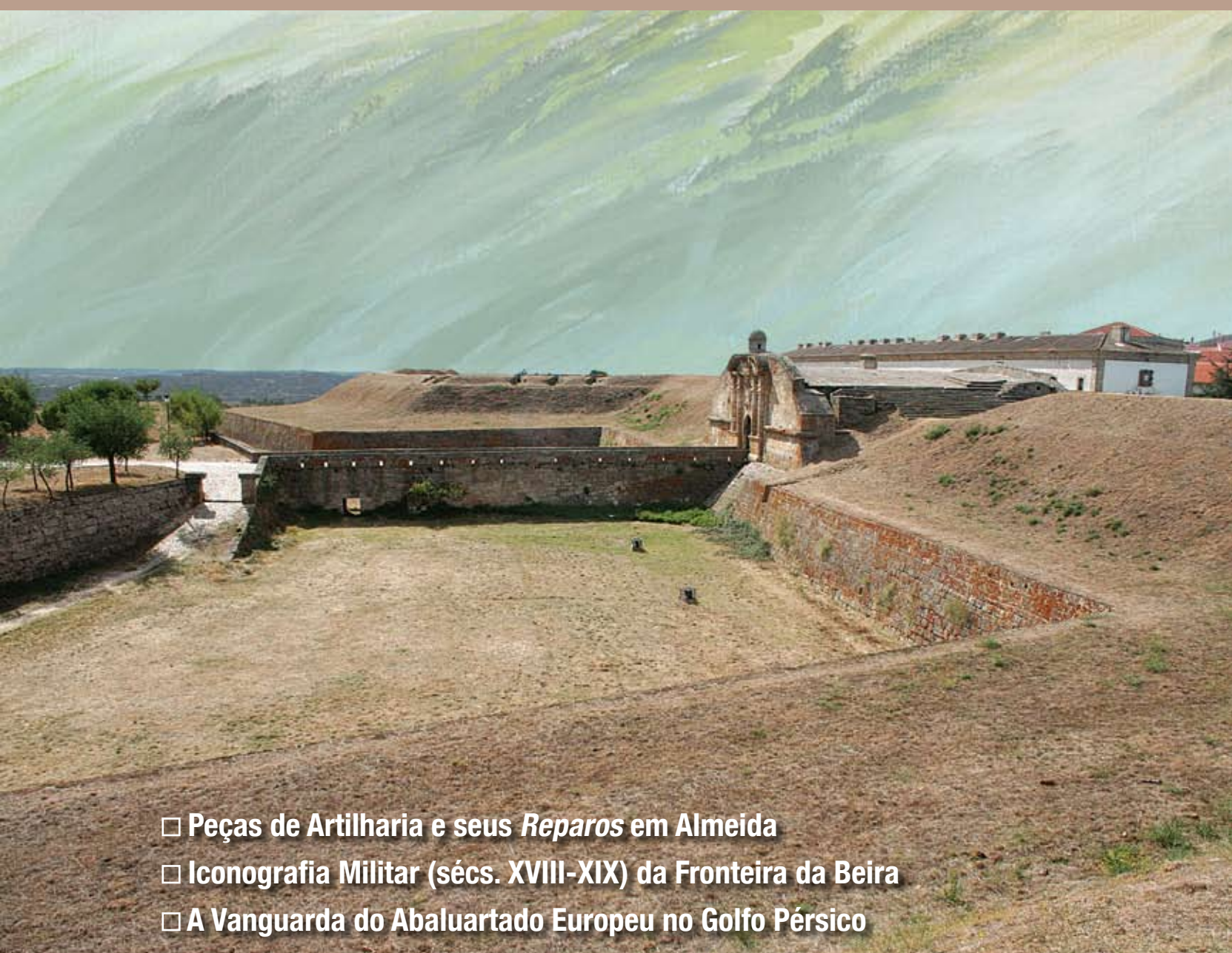


2009
3



CEAMA

CENTRO DE ESTUDOS DE ARQUITECTURA MILITAR DE ALMEIDA



- Peças de Artilharia e seus *Reparos* em Almeida
- Iconografia Militar (sécs. XVIII-XIX) da Fronteira da Beira
- A Vanguarda do Abaluartado Europeu no Golfo Pérsico

Actas do seminário “Memória, Mito e História – O Sacrifício de Almeida”.
Recriação do Cerco/2008



Ao introduzir-se no programa do Seminário a palavra *sacrifício* em seguida a «Memória, Mito e História», quis-se acentuar o carácter heróico e sagrado que envolve o lugar de Almeida no âmago das Guerras Peninsulares. Então – como em relação a outros períodos da História – os invasores fomentam a criação de heróis e tudo isso acaba por ter reflexo na vida quotidiana e no imaginário das gentes, que facilmente misturam realidade e fantasia, nem sempre se descortinando, mais tarde, onde acaba uma e onde a outra começa.

Não sendo minha área de estudo este tema, usei propor à reflexão um herói, em cuja biografia, no seu tempo e depois, os dados históricos se mesclaram com uma realidade outra, onde o simbólico, o religioso, a... Pátria (no que esta noção tem de sagrado ao longo dos tempos...) detiveram um relevante papel. Na verdade, quanto aprendemos acerca do general romano Sertório está embebido na história e na lenda.

Afirme-se, para já, que o personagem existiu. Dele se conhece a biografia, transmitida por fontes literárias. Sabe-se que, verosimilmente no ano de 122 a. C., nasceu em Núrsia, no território dos Sabinos, em pleno coração da Península Itálica, e que, tendo seguido a carreira militar, se notabilizou nas lutas contra Cimbros e Celtiberos e foi questor na província da Gália Cisalpina. Surge depois, nas lutas civis desse final da República romana, como apoiante do partido dos populares, chefiado por Mário, tendo assumido importante papel no ataque à cidade de Roma em 87 a. C. Em 83, vemo-lo nas funções de pretor da Hispânia Citerior, donde, não tendo sido bem sucedido, se passou para a Mauritània, e, aí sim, terá conseguido algum êxito político na organização do território. E é precisamente nessa altura, no ano 80, que da Hispânia o chamam, para, à frente das hostes lusitanas, lutar contra os invasores romanos ou, mais propriamente, contra os partidários de Sila.

Não vem ao caso historiar o que foram essas campanhas: primeiro, porque outros o fizeram já¹; depois, porque nos distrairiam do objectivo principal ora em vista. Poder-se-á, no entanto, transcrever a parte final da síntese que Eduardo da Cunha Serrão (1971) lhe consagra, após se haver referido aos êxitos anteriores:

«A boa estrela do caudilho declina então, perdendo a Hispânia Citerior em 74 – não obstante o êxito de Calagúrris – e, em 73, a Ulterior. Perpena, que se lhe juntara com importantes forças, mas que o inveja e conspira, tentou levantar os Galaicos, ocupando Cale e atingindo o Límia, mas as defecções sucedem-se e, fomentados pelos Romanos, avolumam-se os descontentamentos e as rivalidades entre os partidários de Sertório, que recorre à violência para se impor. Em 72, durante um banquete em Osca, oficiais instigados por Perpena assassinam traiçoeiramente Sertório. A sua perda encheu de luto os povos peninsulares, especialmente os Lusitanos, que foram dos últimos a abandoná-lo».

E ocorrerá, por isso, perguntar-nos, como o faz, nas conclusões da sua pesquisa, Félix García Morá (1991, 365):

¹ Cf. a magnífica e exaustiva investigação levada a cabo por Félix García Morá, passada a escrito nos textos que se referem na bibliografia.

«Foi a guerra sertoriana uma guerra externa ou um conflito civil?».

E se, na verdade, a princípio, estamos perante a «continuação da luta desesperada contra Sila», a partir do ano 80, «com grandes particularidades, sem dúvida, e com numerosos elementos novos», «já pode ser considerada como uma guerra externa» (García 1991, 366).

Com efeito – e este é um dado a relevar – «Sertório sempre respeitou a ordem institucional em que fora educado e recebera a sua formação, a ordem republicana, inclusive mais do que Sila e do que o próprio Pompeu; daí que palavras como ‘traição’ devem desaparecer definitivamente dos estudos sobre a sua pessoa. O sabino nunca pensou em desgarrar a Hispânia dos territórios que, com tanto esforço, seus antepassados haviam logrado conquistar, ainda que, com a sua acção, haja contribuído enormemente para acelerar algumas mudanças nos tradicionais ideais republicanos» (*ibidem*).

Salienta, pois, Félix García esse importante contributo de Sertório para disseminar – digamos assim – romanidade, facilitando a integração de indígenas com itálicos e acelerando, dessa forma, significativamente, «o processo de desagregação do sistema de funcionamento de muitas comunidades tribais hispanas» (p. 367). E se «a causa de Sertório» «representou o último grande levantamento hispano contra o poder estrangeiro», o certo é que, doravante, «nada nem ninguém poderá desvincular a nossa terra do domínio itálico»:

«O próximo grande conflito, as guerras civis entre César e Pompeu terão na Hispânia um mero campo de acção e não, como aconteceu ao tempo do nosso protagonista, um papel insubstituível, que nenhuma outra região do Mediterrâneo incluída no mundo romano logrou deter» (p. 368).

«Foi o primeiro grande organizador dos povos hispânicos; instituiu um senado e fundou uma escola em Osca visando a romanização dos Peninsulares» – conclui, por seu turno, Eduardo da Cunha Serrão.

Se estas são as conclusões a retirar de uma acção política e militar cujo percurso se procurou estudar, importará, neste momento, verificarmos que papel, afinal, foi atribuído a este general vitorioso e atraído, generoso em prol de uma causa, nos meandros

da historiografia nacional e na história das mentalidades que os séculos percorreu.

E, quiçá, uma das primeiras ideias que nos surja é a forma como, no longínquo século XVI, Luís de Camões a Sertório se referiu nos seus *Lusíadas*. No Canto I, estrofe 26, após aludir à «fama antiga» que os Portugueses (há, como se sabe, esta identificação com os Lusitanos de antanho) «com a gente de Rómulo alcançaram, quando, com Viriato, na inimiga guerra romana tanto se afamaram», assinala o facto de haverem alevantado «por seu capitão» um, «que, peregrino, fingiu na cerva espírito divino». Mais adiante, no canto VIII, estrofe 8, o louvor é dado às «subtis artes e maneiras para adquirir os povos tão fingidas» a que sempre os Portugueses não desdoiraram lançar mão; e o exemplo aduzido é justamente Sertório, ‘avisado’ pela corça: «a fatídica cerva que o avisa». Esta ligação entre o divino e o humano, entre o poder político e a religião, não se reveste, recorde-se, de nada de insólito: uma cruz aparece ao imperador Constantino, antes da batalha da ponte Milvius, com a legenda *In hoc signo vinces* («Com este sinal vencerás»), legenda que o imperador irá apor em moedas cunhadas a seguir; a nossa historiografia alcobacense transportou para o tempo de el-rei Afonso Henriques esse mesmo mito, reivindicando para o monarca idêntica visão antes da batalha de Ourique contra a moirama infiel... Aliás, D. João V, em 1721, fazendo-se, de certo modo, eco desse ‘milagre’, não hesitará em mandar gravar na moeda de 400 réis, de 1721, essa legenda também.

E se Eduardo da Cunha Serrão, na síntese atrás citada, explicita que os Lusitanos «emotivos e supersticiosos, julgavam Sertório em comunicação com os deuses, por intermédio da corça branca de que se fazia ardilosamente acompanhar», o certo é que essa lenda ganhou foros de realidade e, mais ou menos romanceada, entrou no nosso quotidiano, de tal modo que numa das páginas da Internet, que pode consultar², se lê o seguinte:

«Consta que o general aparecera com um animal selvagem o seguindo como se fosse um cão caseiro. Tratava-se de um filhote de corça, uma espécie de cervo, porém animal raro, pois era um filhote al-

² <http://deveritatis.blogspot.com/2006/08/pomba-brancapomba-branca.html>, consultado às 11:10 h de 18-08-2008.

bino, uma fêmea toda branca como a neve. Muitas lendas foram contadas sobre o animal e Quinto Sertório. Os Lusitanos diziam que a deusa Atégina, versão lusitana para a divindade romana Diana, havia aparecido e seduzido Sertório na floresta. Daquela relação haviam gerado o animal, a corça branca, nascida meio humana meio divindade. A corça passaria a acompanhar o exército em campanha. Seria como um símbolo de que os deuses os apoiavam».

Para além deste pretensão «conluio» entre religião e política assim documentado, deixa Luís de Camões transparecer na lapidar argúcia dos seus versos uma outra ideia fundamental: cimentou Sertório, na continuação do que já Viriato fizera, um espírito nacionalista, levantou e organizou os ‘povos’ dispersos contra o usurpador vindo de fora. Sabia Camões quanto já estava periclitante, ao seu tempo, a independência de Portugal face às pretensões castelhanas; daí o seu indirecto incitamento à resistência – seguindo os nobres exemplos de outrora. Esse mesmo espírito incarna uma outra obra sua contemporânea (dir-se-ia): as *Antiguidades da Lusitânia*, do eborense André de Resende. Tivemos já oportunidade, o Prof. Rosado Fernandes (1996) e eu próprio (1991, 1998 e 2002), de nos debruçarmos sobre este assunto, mas valerá a pena memorá-lo neste contexto, pois se insere, de pleno direito, na problemática da interpenetração «memória, mito e história».

Escreve Rosado Fernandes:

«Resende dá a entender por todos os signos que pode inventar que a coragem lusitana é o sustentáculo possível para a independência, e que poderá servir ainda melhor se fizer parte integrante de uma consciência nacional» (p. 12).

Por isso, continua mais adiante (p. 37), «Viriato e Sertório são apresentados como heróis nacionais: o primeiro como filho da nação lusitana, o segundo como seu filho adoptivo. Os Romanos são interpelados no tribunal da história e de forma patética pelo humanista português como sendo agressores brutais e sem lei, ao passo que os Lusitanos, cujo território Resende faz coincidir, contra a realidade histórica, com o território português, são apresentados como um povo corajoso e generoso, não fal-

tando para isso inscrições que o atestem. Não teve aqui Resende o menor reboço em forjar inscrições, de resto facilmente detectáveis, em que a generosidade lusitana face aos Romanos é largamente atestada».

Essa ideia do ‘nacionalismo’ contra o usurpador, neste caso a vizinha Espanha, será, contudo, posta em causa, como se sabe, pelos partidários do iberismo do século XIX (cf., por exemplo, Catroga 1981 e 1985). Já voltaremos, pois, a André de Resende para retomarmos, agora, a história de Sertório vista por Oliveira Martins (1879). Depois de, em traços largos, se referir às suas façanhas, escreve:

«Quando afinal tinha conseguido para si em África um pequeno governo independente, chamam-no da Espanha. Quem? Provavelmente os antigos partidários de Mário, que, aproveitando os ódios criados contra o governo tirano de Ânio, confiavam na sorte do aventureiro capitão: porque é ridículo supor que uma insurreição espontânea do espírito nacional fosse chamar, para a dirigir, um sabino, príncipe em África» (p. 49).

Integra esse chamamento na necessidade de, pela força das armas, se obterem direitos que doutra forma lhes estavam a ser negados. E conclui:

«Baseada assim num fenómeno social criado pela ocupação e traduzindo uma luta de partidos como as muitas que por esse tempo dilaceravam a grande república, a revolta de Sertório só por uma aberração patriótica pode ser tomada como um monumento do espírito de independência nacional. As concessões únicas que os historiadores nos dizem que Sertório fez aos naturais da Espanha consistiram – uma em levá-los a crer que uma corça, presente de Diana, lhe mostrava o futuro e a outra em tomar os filhos principais de cada terra, para os encerrar na sua Universidade de Osca, onde, ao mesmo tempo que aprendiam a cultura latina, eram conservados num estado bem semelhante ao de reféns. De Ébora, a capital, Sertório organizou a Espanha, à maneira de um Lácio» (p. 50).

Mas... que se aprendia, até há bem pouco tempo, no ensino secundário, acerca de Sertório? Não será despiciendo – nesta óptica de um relacionamento entre a história, as ideologias e as convicções políticas – lembrarmos que o manual, da autoria de A.

Martins Afonso, *História da Civilização Portuguesa* (Porto Editora, 3ª edição, sem data), feito segundo o programa oficial para o 7º ano dos liceus vigente nos finais dos anos 50, princípios de 60 do século passado – em pleno regime salazarista, portanto – se pode ler o seguinte, na p. 29:

«Chefiando os Lusitanos e outros povos hispânicos, Sertório ganha várias batalhas contra os generais inimigos, e, assenhoreando-se da maior parte da Península, aqui estabeleceu um governo independente, organizado à imitação de Roma:

Estabeleceu em Évora um *Senado* de 300 membros, constituindo uma espécie de Conselho de Estado do seu Império hispânico, e foi o primeiro agente da romanização. Fundou escolas em Osca (Huesca) destinadas ao ensino do grego e do latim aos filhos dos nobres peninsulares para os integrar na cultura romana.

Sertório foi assassinado à traição (72), e no ano seguinte Pompeu submeteu todo o território que àquele estivera sujeito».

Não passaram, certamente, despercebidas expressões como «governo independente», «Império hispânico»... quando, por seu turno, Oliveira Martins se referia não à Hispânia mas... à Espanha!

Tempo é, porém, de darmos atenção a uma cidade que recorrentemente é referida nos textos anteriores. Aliás, já Eduardo da Cunha Serrão escrevia: «Évora, confiada em tradições e nas audaciosas afirmações de Resende e de outros autores, reivindica papel preponderante na época sertoriana».

Rosado Fernandes completa o que atrás se transcreveu sublinhando que Sertório é, para André de Resende, «quase município de Évora, terra de Resende, e por isso um conterrâneo seu, também, por adopção, uma espécie de cidadão honorário» e acrescenta: «Daí as inscrições forjadas por Resende para provar a tese da presença de Sertório em Évora» (p. 25).

Dessas inscrições vamos analisar apenas duas, por as considerarmos deveras significativas do ‘mecanismo’ usado pelo humanista para validar as suas afirmações.

No Livro IV (fol. 241) vem o texto que se reproduz na figura ao lado. Trata-se, assegura Resende, de um «cipo um tudo-nada mais pequeno mas mais

elegante» encontrado num templo, donde provém um outro cipo de «elegantes letras», que também refere. Este segundo monumento, que ostenta uma inscrição funerária a memorar Lúcio Rúbrio Priscino é autêntico, encontra-se no Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal e já tivemos ensejo de o estudar (IRCP 196). Desdobra André de Resende o texto do primeiro e assim o traduz:

«A Júpiter Ótimo e Máximo. Por terem sido escoraçados Metelo e Pompeio por Quinto Sertório, Júnia Donace trouxe, como oferenda, uma coroa e um ceptro de prata. À Flaminica ofereceu uma fíala cinzelada, aos escravos do templo, uma ceia».

Existe no Museu de Évora uma placa de mármore do tipo Estremoz/Vila Viçosa que ostenta o texto latino (ver figura na página seguinte) e o director do Museu, Dr. Joaquim Caetano, teve a gentileza de me enviar cópia da respectiva ficha de inventário, que transcrevo, omitindo apenas a parte que se refere ao meu contributo para o seu estudo e que adiante se desenvolve:

«Falsa lápide atribuída a André de Resende. Segundo este (1553) teria vindo do Torrão, da Igreja de

I. O. M.
 OB PVL SOSAQ, SERTORIO METELLVM
 ADQ. POMP.
 IVN. DONACE
 CORON. ET SCEPTRVM
 EX ARG. MVNVS
 ADTVIT
 FLAMINICAE PHIA
 LAM CAELATAM
 HIERODVLIS COE
 NAM DEDIT.



Santa Maria do Sado na 2ª metade do séc. XVI. Segundo Hübner (1871), em 1605 a inscrição foi gravada numa lápide e levada para a Casa da Câmara em Évora (Cadeia – Paços do Concelho), onde foi vista e copiada por Murphy em 1797, conservando-se aqui, pelo menos, até 1869 (Simões, 1869)³.

O cotejo entre as duas imagens mostra à evidência que... a sua apresentação não é coincidente. Ou seja, se houve um monumento original, o tal «cipo» de que fala Resende, ele terá levado sumiço e, em sua substituição, este terá sido mandado gravar por alguém que, seguramente, mais se baseou na leitura interpretada que o humanista dera do que na cópia em capitais que a antecede: a paginação não coincide nem mesmo a forma como as palavras vêm abreviadas. Não há dúvida, pois, que esta é uma cópia setecentista.

Ocorre, porém, perguntar: terá havido uma epígrafe anterior? Inclino-me para uma resposta negativa, não só por causa dessas excessivas divergências,

resultantes mais provavelmente da interpretação erudita de um texto (seria mais difícil de um monumento), mas também porque o normal, nessas circunstâncias, seria esculpir um monumento idêntico – e um ‘cipo’ está muito longe de se assemelhar a uma singela placa!...

Que, do ponto de vista formal, se trata de uma epígrafe não-romana há – se não tivéramos a informação de Hübner – dados paleográficos evidentes: a barra intermédia do E mais curta que as outras duas (nas inscrições autênticas, romanas, as barras têm comprimento igual); os pontos de separação no limite inferior da linha (numa inscrição original estão a meio); o ‘travessão’ sobre o último A de PHIALA a indicar nasalação, expediente que, na época romana, não existe.

Esta epígrafe é dada por André de Resende como achada no templo a Júpiter («Iovis fanum») preexistente à igreja de São João dos Azinhais (Torrão, Alcácer do Sal):

«Super Exarramam fluvium, duobus pass. milibus infra Terranum oppidum, Iovis fuit olim fanum. Quod adulta iam Christiana pietate in templum sanctorum martyrum Iusti & Pastori convertum est» (fol. 239).

³ Penso que se deverá ler Santa Margarida em vez de Santa Maria, pois esta capela também se situa perto de Santa Margarida do Sado, ainda que esta localidade pertença na actualidade ao concelho de Ferreira do Alentejo. E a ela nos voltaremos a referir já de seguida.

Ou seja:

«Houve outrora, sobranceiro ao rio Xarrama, a duas milhas abaixo da povoação do Torrão, um santuário de Júpiter, que foi convertido no templo dos santos mártires Justo e Pastor, por acção de já adulta piedade cristã».

Menciona, de seguida (fol. 239 v.), a inscrição que sustenta esta afirmação e que D. Fernando de Almeida, Judite e António Cavaleiro Paixão reencontraram, datando-a de 682 da nossa era, conforme nela vinha gravado. Deve-se, aliás, a estes três investigadores a identificação do templo, nas margens da actual Barragem do Vale do Gaio:

«Dirigimo-nos à Herdade de Arranas e lá topámos com uma velha capela do século XVII, e seu alpendre, pinturas nos tectos, tudo abandonado e em risco eminente de ruir. Fora dedicada a S. João Baptista segundo informação que ali colhemos. O templo está implantado no cimo de uma colina de pouca altura, mas destacando-se, com dignidade, naquele conjunto campestre ligeiramente ondulado. A seus pés está o lago da barragem» (1978, 215 e 217).

Voltando a André de Resende, verificamos que se transcreve de seguida (fol. 240) a epígrafe patente no bonito e bem decorado cipo, ora no Museu de Évora, mandado lavar a Júpiter Ótimo Máximo por Flávia Rufina, flamínia da província da Lusitânia, da colónia de *Emerita* e do município salaciense (IRCP 183). Templo seria, pois, de suma importância na época romana. Urgia, portanto, dizemos nós, conhecendo como conhecemos André de Resende, que, de permeio com estes textos autênticos, outro aparecesse, pleno de verosimilhança, dedicado também ele a Júpiter e onde se aludiria a uma flamínia e ao município de *Ebora*. E surge essoutra inscrição, perfeitamente enquadrável no contexto: devido à vitória de Sertório sobre Metelo, as mulheres de Évora fizeram romarias de acção de graças a templos particulares. E não poderia, por conseguinte, faltar peregrinação a Arranas!...

Sucede, porém, que as oferendas aí citadas não estão epigraficamente registadas; que, para comemorar uma vitória militar, o indicado seria oferta a Marte, o deus da guerra; que o termo *hierodolus*, com a pretensa significação de «escravo do templo»,

também se não regista nas epígrafes nem pertence, aliás, à terminologia corrente em Roma (pelo que ora se sabe). Por todos esses motivos rejeitamos, sem mais delongas, a sua autenticidade.

É dedicada aos deuses Lares a segunda inscrição (figura abaixo) que se me afigura de interesse referir e destinava-se a provar a existência de uma casa de Sertório em Évora, pois que é mandada lavar pela escrava que o servia e pelos seus libertos. Aliás, André de Resende é bem claro a este propósito:

«[...] Por Évora ser de nobre e grande povo fez grande ajuda ao mesmo Sertório, dando-lhe uma coorte, *scilicet* seiscentos soldados, para serviço da guerra, os quais o serviram tão bem que ele, por gratificar este serviço, e também por esta cidade ser em meio da Lusitânia, que faz muito para o senhorear o mais, ca, segundo julgam os



peritos na arte militar, quem é senhor do campo é senhor de toda essa terra, tomou em ela seu assento, se as contínuas guerras lho leixaram ter, e fez sua casa, que inda agora se chama de Sertório, em a qual tinha uma mulher, sua doméstica. E três libertos que com ele estavam, segundo parece por este elegante letreiro que haverá seis anos se descobriu junto das mesmas casas, que diz assi:» (edição de 1963, p. 16-17).

Esta a transcrição do texto já com as siglas e abreviaturas desdobradas:

LARIB(us) · PRO
 SALVTE ET INCOLV
 MITATE DOMVVS
 Q(uinti) · SERTORI(i)
 COMPETALIB(us) · LVDOS
 ET EPVLVM VICINEIS
 IVN(ia) · DONACE · DO
 MESTICA EIIVS · ET
 Q(uintus) · SERTOR(ius) · HERMES
 Q(uintus) · SERTOR(ius) · CEPALO
 Q(uintus) · SERTOR(ius) · ANTEROS
 LIBERTEI

O que se poderá traduzir desta forma:

«Aos Lares – pela saúde e pela incolumidade da casa de Quinto Sertório, por ocasião das Compitálias, jogos e um banquete aos vizinhos. Júnia Donace, sua criada, e Quinto Sertório Hermes, Quinto Sertório Cefalão, Quinto Sertório Antero, libertos».

Já tive ensejo de, sucintamente (1998, 40-41), dar conta dos argumentos em que nos baseamos para considerar forjado este monumento, que se encontra no Museu de Évora. Ao contrário, porém, do anterior, é meu entender que terá sido o próprio Resende a superintender ao seu ‘fabrico’, uma vez que há elementos a que só uma pessoa versada em Epigrafia poderia recorrer:

- os pontos estão a meio das linhas e há, no final, uma hera (*hedera distinguens*), perfeitamente ajustável no contexto;
- os E têm a barra intermédia igual às outras;
- o uso do I longo (no caso de SERTORI e já não em IVN) para indicar a contracção de dois I encontra pleno cabimento;

E se, de um modo geral, até se poderia julgar autêntica a paleografia (o modo como os caracteres estão grafados), o recurso a nexos – HE e TE bem aceitáveis num texto autêntico, mais difícil a junção MP... – e à utilização demasiadamente frequente de pequenas letras (ou inclusões) destoam bastante dessa aparente autenticidade, além de não serem correntes com essa localização nas epígrafes verdadeiras. Por outro lado, um texto deste teor teria mais razão de ser numa árula ou mesmo num altar a ser colocado na intimidade do lar; ora, o mandante optou por uma espécie de cipo ou, até, placa, pretensamente destinada a ser incorporada na frontaria da casa, o que não é nada habitual.

Houve, porém, um cuidado que importa relevar: a inclusão de terminações de cariz arcaico: *domuus* (por *domus*), *vicineis* (por *vicinis*), *libertei* (por *liberti*), *eiivus* (por *eivus*). Arcaísmos que quadrariam bem com a época do monumento. André de Resende sabia bem o que fazia!... Mas também é certo que palavras como *vicini* ou *domestica* não pertencem ao normal vocabulário epigráfico...⁴ Aliás, se se entender por *domestica* uma escrava, ela somente se poderia identificar com um nome; se, ao invés, fosse liberta, teria o gentílico *Sertoria*, como o dos libertos apresentados a seguir, e não *lunia*, nome aqui acompanhado, de resto, de um cognome assaz raro também: *Donace*. Recorde-se que se trata da mesma personagem mencionada na inscrição atrás analisada.

Claro que também nos chama a atenção a frase *pro salute et incolumitate*, que, na citada base de dados da Península, apenas se regista uma vez – e com muitas dúvidas (HEp 8 1998 357). Trata-se, de facto, de uma expressão que só se tornou corrente a partir do século III e referente a imperadores.

E os solenes eventos que acompanharam a consagração da casa às divindades suas protectoras, os Lares, constituem uma mescla de bem curiosas invenções a partir de elementos colhidos em epígrafes verdadeiras: as Compitálias eram, com efeito, as festas romanas em honra dos deuses Lares das encruzilhadas; mas à menção de jogos é habitual juntar-se

4 Uma fugaz consulta à base de dados das epígrafes romanas da Península Ibérica – <http://www.ubi-erat-lupa.austrogoate.at/hispep/public/index.php> – no-lo confirmou: *domestica* só aparece como nome próprio e apenas se registam ‘vizinhos’ com um etnónimo a identificá-los: *vicinia Cluniensis*, *vicinia Caperensis*.

a sua caracterização: que tipo de jogos? Cénicos? De gladiadores?... A oferta de banquetes no âmbito de uma comemoração é amiúde registada nos textos epigráficos; contudo, como se disse, não são os vizinhos, assim sem mais, os contemplados...

Em suma:

Num quadro em que à palavra «sacrifício» se junta a trilogia «Memória, Mito e História», acabamos por verificar que assim pode ter acontecido nas mais variadas épocas da História Universal.

Saltando das Guerras Peninsulares para um outro período igualmente guerreiro e igualmente de tónica peninsular, a ‘invasão romana’ e a resistência que lhe foi oferecida, foi-nos possível testar como Sertório assume o papel daquele que é injustificadamente sacrificado e paga com a morte a entrega a uma causa que considera nobre e que outros repudiam. A sua figura, contudo, já no seu tempo vem aureolada de um nimbo celestial, de comunicação fácil com a divindade que lhe norteia os passos e lhe segreda as melhores decisões. Aos escritores (como Camões), aos fazedores de compêndios didácticos sob inspiração política determinada e aos historiadores coube a função de doirar essa auréola – e, entre todos, André de Resende foi perito em envolver a figura do caudilho, ‘lusitano’ por adopção, de uma atmosfera sagrada. A política e a religião, afinal, de mãos dadas com a História – que, em todos os tempos, as técnicas e as tácticas perduram, sobrevivem e... fazem efeito!

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA (D. Fernando de), PAIXÃO (Judite e António Cavaleiro), «Monumentos arqueológicos e visigóticos de Arranas (S. João dos Azinhais, Torrão, Alcácer do Sal)», *Setúbal Arqueológica* IV 1978 215-226.
 CATROGA (Fernando), «O problema político em Antero de Quental. Um confronto com Oliveira Martins», *Revista da História das Ideias* 3 1981 341-520.
 CATROGA (Fernando), «As lojas espanholas de obediência ao Grande Oriente Lusitano Unido e o iberismo», *Boletim do Arquivo da Universidade de Coimbra* 7 1985 89-110.
 CATROGA (Fernando), «Nacionalismo e ecumenismo, A ‘questão ibérica’ na segunda metade do século XIX», *Cultura História e Filosofia* 6 1985 419-463.
 ENCARNANÇAÇÃO (José d’), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis* (= IRCP), Coimbra, 1984. [O número indica o nº da inscrição no catálogo].
 ENCARNANÇAÇÃO (José d’), *Estudos sobre Epigrafia*, Coimbra, 1998, cap. 3 (p. 29-56), «Politicamente falsários» [reprodução do artigo «Da invenção de inscrições pelo humanista André de Resende», *Biblos* 67 1991 177-205].

ENCARNANÇAÇÃO (José d’), «André de Resende, epigrafista», *Cataldo & André de Resende – Congresso Internacional do Humanismo Português*, Lisboa, 2002, p. 305-310.
 FERNANDES (Raul M. Rosado), introdução, tradução e comentário de *As Antiguidades da Lusitânia*, de André de Resende, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1996.
 GARCÍA MORÁ, Félix, *Quinto Sertorio*. Roma, Universidad de Granada, 1991.
 GARCÍA MORÁ, Félix, *Un Episodio de la Hispania Republicana: La Guerra de Sertorio – Panteamientos Iniciales*, Universidad de Granada, 1991.
 GARCÍA MORÁ, Félix, «Sertorio frente a Metelo (79-78 a. C.)», *2º Congresso Peninsular de História Antiga. Actas* (Coimbra, 18-20 de Outubro de 1990), Coimbra, 1993, p. 375-398.
 HEp = *Hispania Epigraphica* [revista anual publicada pela Universidade Complutense de Madrid – <http://www.ucm.es/info/archiepi>].
 HÜBNER (Emílio), *Noticias Archeologicas de Portugal*, Lisboa, 1871. [Tradução de A. S., por ordem da Academia Real das Ciências de Lisboa].
 IRCP = ENCARNANÇAÇÃO, José d’ (1984).
 MARTINS (Oliveira), *História da Civilização Ibérica*, Lisboa, 1879. [Servi-me da edição efectuada por Publicações Europa-América, na sua colecção Livros de Bolso, onde esta obra tem o nº 387].
 RESENDE (André de), *De Antiquitatibus Lusitaniae*. Évora, 1593.
 RESENDE (André de), *História da Antiguidade da Cidade de Évora*, Lisboa, 31783. [Incluída no volume *Obras Portuguesas*, Colecção «Clássicos Sá da Costa», Lisboa, 1963, p. 1-69].
 SERRÃO (Eduardo da Cunha), «Sertório» in SERRÃO (Joel) [dir.], *Dicionário de História de Portugal*, Lisboa, 1971, III, p. 843-844.
 SIMÕES (Augusto Filipe), *Relatório á cerca da renovação do Museu Cenáculo...*, Évora, 1869.

* Doutor em História (1984) e Professor Catedrático (1991), aposentado desde Julho de 2007) integra, desde a sua criação, o Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto, como investigador e membro da Comissão Científica. Escreveu mais de quatro centenas de artigos em revistas científicas.

Sertório, Roman General: guerrilla and myth?

José d'Encarnação

By entering into the seminar's program the word sacrifice and then the 'Memory, Myth and History', wanted to accentuate the heroic and sacred character of this place that involves Almeida at the heart of the Peninsular War. Then - as compared to other periods of history - the invaders fuel the creation of heroes and all this, eventually, has reflected in everyday life and in the imagination of the people, who easily blend reality and fantasy, if not always uncover later, where one ends and the other begins.

As this subject is not my area of study, I dare to propose to reflect about a hero, in whose biography, in his time and then, the historical data is merged with a different reality, where the symbolic, the religious, and the ... homeland (in the sacred mean through times ...) had an important role. Indeed, everything we learn about the Roman General Sertório is soaked in history and legend.

We must say, for now, that the person existed. It is known his biography, transmitted by literary sources. It is known that, probably in the year of 122 a. C., was born in Nursia, the territory of Sabine, in the heart of the Italian peninsula, and that, having followed a military career, he was distinguished in the struggles against Cimbros and Celtic and was quaestor in the province of Cisalpine Gaul.

Surge later, in the civil struggles in the end of Roman Republic, as a supporter of the popular party, headed by Mario, having assumed an important role in the attack on the city of Rome in 87 a. C. On 83, we see him in the office of praetor Citerior of Hispania, which as were not successful, he went to Mauritania, and then yes, he have achieved some success in organizing the political territory. And it is precisely then, in year 80 that the Hispania call him for, ahead of Lusitanian hosts, fighting against the invading Romans or, more properly, against the supporters of Sila.

It's not important to history what such campaigns were: first, because others have done it already!; then why do we distract the main purpose now in view. Could it be, however, transcribe the end of synthesis that Eduardo da Cunha Serrão (1971) enshrines him, after having been referred to the previous successes:

"The good star of the warlord declines, losing Hispania Citerior in 74 - despite the success of Calagúrris - and in 73, the Ulterior. Perpena, who joined him with major forces, but with jealous and conspire, tried to lift the Galician, occupying Cale and reaching Limia, but the desertions succeed and, encouraged by the Romans, are accumulating discontent and rivalries between the supporters of Sertório, using violence to impose. In 72, during a banquet in Osca, officers instigated by Perpena, treacherously killed Sertório.

Their loss filled of mourning the peninsular peoples, especially the Portuguese, which were the last to leave him."

And occur ourselves to ask, therefore, how he does in the conclusions of his research, Felix Garcia Mora (1991, 365):

"It was the sertorian war a foreign war or a civil conflict?"

And if, indeed, at first, this is the continuation of the desperate fight against Sila, from the year 80, 'with great features,

no doubt, and with many new elements", it "can already be considered an external war" (García 1991, 366).

Indeed - and this is a data to reveal - "Sertório always respected the institutional order in which it was educated and received their training, the republican order, including more than Sila and that the Pompey himself; so that words like 'betrayal' must disappear from studies on their person. The Sabino never thought about separate Hispania from territories that with so much effort, their ancestors had managed to win, even with his action, had contributed greatly to accelerate some changes in traditional Republican ideals" (ibid.).

Therefore underlines Felix Garcia the important contribution of Sertório to spread - so to speak - Romania, facilitating the integration of indigenous people with italics and accelerating thus significantly, "the process of disintegration of the system of operation of many tribal Hispanic communities" (p. 367). And if "the cause of Sertório" "was the last major Hispanic survey against foreign powers", the fact is that, "nothing and no one can unlink our land from the italic domain":

"The next big conflict, civil wars between Caesar and Pompey have Hispania in a mere field of action and not, as happened at the time of our protagonist, an irreplaceable role, that no other region of the Mediterranean included in the Roman world managed to hold" (p.368).

"It was the first major organizer of the Hispanic people, set up a senate and founded a school in Osca to Romanize Peninsulas" - concludes, in turn, Eduardo da Cunha Serrão.

If these are the conclusions to be drawn from a political and military action which route was tried to study, it's important at the moment, to discover what role, after all, has been awarded to the victorious and betrayed general, generous to a cause, in the middle of the national historiography and in the history of mentalities the centuries traveled.

And, perhaps, one of the first thoughts that arise is the way as, in the distant sixteenth century, Luis de Camões referred to Sertório in his *Lusiads*. In canto I, stanza 26, after alluding to the "old fame" that the Portuguese (there is, as we know, this identification with the Lusitanian of once) "with Rómulo's people reached for, when, with Viriato, in enemy Roman war got famous", notes that there are raised 'by his captain' one 'that, pilgrim, pretended in deer divine spirit'. Later in the canto VIII, stanza 8, the praise is given to "subtle arts and ways to get the people so pretended" that the Portuguese do not always unhand, and the example given is precisely Sertório, "advised" 'by doe: "The inevitable deer that warns him".

This connection between the divine and human, between political power and religion, didn't take, we must remember, a thing of unusual: a cross appears to Emperor Constantine, before the battle of the bridge Milvius, with the caption *In hoc signo Vince* ("With this signal you win), legend that the emperor will affix to coins minted below; our Alcobacense's historiography transported to the time of the king, Afonso Henriques that myth, arguing for the monarch identical vision before the battle of Ourique against infidel Moors ...

1 See the magnificent and exhaustive research carried out by Felix Garcia Mora, written in the texts referred in the bibliography.

Incidentally, D. John V in 1721, making up in a way echoes of that “miracle”, do not hesitate to send record in the coin of 400 réis of 1721, this legend too.

And if Eduardo da Cunha Serrão, in summary above, explains that the Lusitanos “emotional and superstitious, thought Sertório in communication with the gods, through the white doe that it was slick track”, the truth is that this legend has earned forums in reality, and more or less novel, came in everyday, so that one of the Internet pages, I could see², it reads as follows:

“It seems the general appears with a wild animal following him as if it were a dog farm. It was a fire doe, a species of deer, but animal rare, it was an albino cub, a female pure white as snow. Many legends were told about the animal and Fifth Sertório. The Lusitanian said that the goddess Atégina, Lusitanian version to the Roman god Diana, had appeared in the forest and seduced Sertório. That relationship had created the animal, the white doe, which was born half human half deity. The doe would accompany the camp. It would be like a symbol as they were supported by the gods”.

Apart from this alleged “collusion” between religion and politics well documented, let Luis Camões reveals the subtlety of his terse verses another fundamental idea: Sertório cement, in continuation of what Viriato has done, a nationalist spirit, raised and organized the ‘peoples’ spread against the usurper from outside. Camões knew about was already fragile, its time, the independence of Portugal against the Spanish claim, hence its indirect incitement to resistance – following the noble examples of yore.

This same spirit embodies another work his contemporary (it seems): *The Antiquities of Lusitania*, of the eborense André de Resende. We had already, Prof. Fernandes (1996) and myself (1991, 1998 and 2002), to address this issue, but it is worth memory-so in this context, it falls, entirely, in the problem of interpenetration ‘memory, myth and history’.

Rosado Fernandes writes:

“Resende gives the idea by all possible signs that the Lusitanian courage is the cornerstone for the possible independence, and that might serve even better if it is part of a national conscience” (p. 12). Therefore he continues (p. 37), “Viriato and Sertório are presented as national heroes: the first as a son of the Lusitanian nation, the second as his adopted son. The Romans are questioned in the court of history and in a pathetic way by the Portuguese humanist as lawless and brutal aggressors, while the Lusitanos, whose territory Resende makes to match, against historical reality, with the Portuguese territory, are presented as courageous and generous people, not missing inscriptions to certify it. Resende had not the lowest sweets in forging entries, moreover easily detectable, where the Lusitanian generosity against the Romans is widely attested”.

This idea of “nationalism” against the usurper, in this case the neighbouring Spain, will, however, called into question, as we know, by supporters of Iberism of the nineteenth

century (see, for example, Catroga 1981 and 1985). We will be back, later, to André de Resende, to restart, the story of Sertório seen by Oliveira Martins (1879). After that, in broad terms, referring to his feats, writes:

“When finally had succeeded in Africa for a small independent government, called him from Spain. Who? Probably the older supporters of Mario, who, taking advantage of the created hatred against the tyrant government of Ânio, relied on the fate of the adventurer Captain: because it is ridiculous to suppose that a spontaneous uprising of the national spirit was calling for the drive, a Sabino, prince in Africa”(p. 49). Integrating this call in the need of, by force of arms, obtaining rights that otherwise they were being denied. He concludes:

“Based on a social phenomenon created by the occupation and reflecting a struggle of parties, like the many by that time ripped the great republic, the uprising of Sertório, only by a freak patriotic can be taken as a monument of the spirit of national independence”. The only concessions that the historians tell us that Sertório made to natural of Spain - one in lead them to believe that a doe, gift of Diana, showed him the future and the other to take the major children from each land and the close in his University of Osca, where, while they learned the Latin culture, were well preserved in a state similar to that of hostages. From Ebor, the capital, Sertório organized Spain in the manner of a Lacio.” (p. 50)

But ... what was learned, until very recently, in secondary education, about Sertório? It will not be negligible - in this context of a relationship between history, ideologies and political beliefs – remembering that the manual, written by A. Afonso Martins, *History of Portuguese Civilization* (Porto Editora, 3rd edition, undated), made according to the official program for the 7th year of the existing schools in the late 50, principles of 60 of the last century - in the Salazar regime -- You can read the following, “p. 29:

“Leading the Lusitanos and other Hispanics peoples, Sertório won many battles against the enemy generals, and land lording the major part of the peninsula, here established an independent government, organized in imitation of Rome:

Evora set in a Senate of 300 members, constituting a kind of Council of State of its Hispanic empire, and was the first agent of Romanization. He founded schools in Osca (Huesca), for the teaching of Greek and Latin to the children of peninsular nobles, to integrate them in Roman culture.

Sertório was murdered on treason (72), and the following year Pompey submitted throughout the territory that had been subject to him.

Were not, surely, unnoticed expressions as “self government”, “Empire Hispanic” ... when, in turn, Oliveira Martins was referring not to Hispania but ... to Spain!

It is time, however, to give attention to a city that often is mentioned in earlier texts. Moreover, since Eduardo da Cunha Serrão wrote: “Evora, entrusted in tradition and bold assertions of Resende and others, claiming leading role in Sertorian season.

Fernandes complete what is transcribed ago stressing

2 <http://deveritatis.blogspot.com/2006/08/pomba-brancapomba-branca.html> , consulted at 11:10h on 18-08-2008.

that Sertório is, to Andre de Resende, “almost municipal of Evora, land of Resende, so your countryman, also, for adoption, a sort of honorary citizen” and ads: Hence the inscriptions Resende forged to prove the thesis of the presence of Sertório in Évora (p. 25).

From those entries we are going to analyse only two looking for the truly significant “mechanism” used by humanist to validate their assertions.

In Book IV (page 241) is the text that is reproduced in Fig. 1. It is, ensures Resende, a “tombstone an all-anything smaller but more elegant” found in a temple, from where comes another tombstone of “elegant letters”, which also relates. This second monument, which bears a mortuary inscription in memory of Lúcio Rúbrio Priscino is genuine, is at the Museum of Archaeology and Ethnography of the district of Setubal, and we already had the opportunity to study (IRCP 196).

André de Resende unfolds the text of the first and translates as follows:

“To Júpiter Optimo and Máximo. It has been driven Pompey and Metelo by Fifth Sertório, Junia Donace brought as gifts, a crown and a ceptro of silver. To Flaminica offered a chiselled fiala, to the slaves of the temple, a supper”.

There is at the Museum of Evora a marble plaque of the type Estremoz / Vila Viçosa bearing the Latin text (Fig. 2) and the director of the Museum, Dr. Joaquim Caetano, was kind enough to send me a copy of their form of inventory, which I transcribe, omitting only the part that refers to my contribution to its study, which is developed below:

“Fake tombstone attributed to Andre de Resende. According him (1553) would come from the News of the Church of Saint Mary of Sado in the 2nd half of the century XVI. According Hübner (1871), in 1605 the inscription was recorded on a gravestone and brought to the City Hall of Évora (Chain - City Hall), where it was seen and copied by Murphy in 1797, keeping up here at least until 1869 (Simões, 1869)³”.

The comparison between the two images shows the evidence ... that the submission is not coincidental. That is, if there was an original monument, as the “tombstone” that speaks Resende, it had disappeared, and in its place, this one might have been sent to record by someone who certainly, was based more on interpreted reading of the humanist than in the previous copy of capital: the layout does not coincide or even the way the words are abbreviated. There is no doubt therefore that this is a seventeenth copy.

Occurs, however, to ask: there has been a previous title? I’m tempted to a negative response, not only because of these excessive differences, most likely resulting from the interpretation of an erudite text (it would be more difficult for a monument), but also because the normal in such circumstances would be carving an identical monument - and a “tombstone” is a long way to resemble a single plaque! ...

That the formal point of view, this is a non-Roman title there

3 I think it should read Santa Margarida instead of Santa Maria because the chapel is also located near Santa Margarida do Sado though she belongs in the city today under the administration of Ferreira do Alentejo. And we will refer her again next.

- if you do not have the information Hübner - obvious palaeography data: a intermediate bar of the E shorter than the other two (in the authentic inscriptions, Roman, the bars have equal length); the points of separation at the lower limit of the line (in an original registration are in the middle), the ‘indent’ on the last A of PHIALA to indicate nasalization, expedient that in Roman times, does not exist.

This title is given by Andre de Resende as found in the temple to Jupiter (“*Iovis fanum*”) to the existing church of São João dos Azinhais (Torrão, Alcácer do Sal):

“*Super Exarramam fluvium, duobus pass. milibus infra Teranum oppidum, Iovis fuit olim fanum. Quod adulta iam Christiana pietate in templum sanctorum martyrum lusti & Pastori convertum est*” (Page 239).

In other words:

“There was once overlooking the river Xarrama, two miles below the village of Torrão, a temple of Jupiter, which has become the temple of the saints and martyrs Justo and Pastor, by the action of the already mature Christian piety”. Mentions, then (see page 239 v.), the inscription that supports this assertion and that D. Fernando de Almeida, Judite and Antonio Cavaleiro Paixão, dating it from 682 of our era, as it was recorded. It is own, moreover, to these three researchers the identification of the temple on the banks of the current dam of Vale do Gaio:

“Addressed them to the estate of Arranas and there we found an old chapel of the seventeenth century, and their porch, paintings on ceilings, all abandoned and in imminent danger of collapsing. It was dedicated to St. John the Baptist according information there collected. The temple is located at the top of a hill not very high, but standing out with dignity, in that all rural slightly wavy set. In his feet is the lake’s dam” (1978, 215 and 217).

Returning to Andre de Resende, we see he is transcribed (page 240) the title reflected in the beautiful and well decorated, tombstone, now at the Museum of Evora, sent record to Júpiter Optimo Maximo by Flávia Rufina, Flaminia in the province of Lusitania, of the colony of *Emerita*, and the salaciense council (IRCP 183). Temple would therefore be of great importance in Roman times. It was urgent, therefore, we say, knowing how to know Andre de Resende, which, permeating with these authentic texts, another appeared, full of probability, also dedicated to Jupiter and which refers to a Flaminia and the municipality of Evora. And appears another inscription, quite inserted in the context: because of the victory of Sertório on Metelo, women have made thanks giving’s pilgrimages to private temples. And it could therefore not miss pilgrimage to Arranas! ...

However, the offerings listed there are not epigraphy registered, that to celebrate a military victory, the offer would be given to Mars, the god of war; that the term *hierodolus*, with the alleged meaning of “slave of the temple” is also not recorded in the headings or belongs, in fact, to the current terminology in Rome (at that moment you know). For all these reasons we reject, without further delay, its authenticity.

It is dedicated to the gods Lares the second entry (Fig. 3) that I think is of interest to note and was intended to prove

the existence of a house of Sertório in Evora, because that was sent to record by her slave and their freed. Moreover, André de Resende is clear in this regard:

“[...] For Evora be noble and great people did great help at the same Sertório, giving it a court, *scilicet* six hundred soldiers, to service the war, which he served so well, for this service fee, and also because this city is in the middle of Lusitanian, which does much to landlord him, here, according to military art experts believe, who is master of the field is lord of all this earth, took in her his seat, if the continuing wars let him, and made his home, which now is called yet Sertório, in which had a woman, his employee. And three freed were with him, apparently for this elegant lettering that for about six years was found among their houses, says as follows’ (edition of 1963, p. 16-17).

This is the text transcription already with the acronyms and abbreviations unfolded:

LARIB (*us*) · PRO
SALVTE ET INCOLV
MITATE DOMVVS
Q(*uinti*) · SERTORI(*i*)
COMPETALIB(*us*) · LVDOS
ET EPVLVM VICINEIS
IVN(*ia*) · DONACE · DO
MESTICA EIIVS · ET
Q(*uintus*) · SERTOR(*ius*) · HERMES
Q(*uintus*) · SERTOR(*ius*) · CEPALO
Q(*uintus*) · SERTOR(*ius*) · ANTEROS
LIBERTEI

It can be translated this way:

“To Homes – for health and unscathed of the house of Fifth Sertório, by Compitálias, games and a banquet to neighbours. Junia Donace, his servant, and fifth Sertório Hermes, fifth Sertório Cefalão, Fifth Sertório Antero, freed”.

I had the opportunity to, briefly (1998, 40-41), give account of the arguments on which we rely to consider forged this monument, which is at the Museum of Evora. In contrast, however, to the previous one, it is my opinion that has been Resende himself to supervise its ‘manufacture’, since there are elements that only a person versed in Epigraphy could use:

- The points are in the middle of the lines, and there is in the end an ivy (*Hedera distinguens*), fully adjustable in context;
- The E has the intermediate bar equal to the others;
- The use of the long I (in the case of SERTORI and not in IVN) for the contraction of two I find full place;

And if, in general, we could judge true the palaeography (the way the characters are printing), the use of links - HE and TE well acceptable in a real, more difficult to merge ... MP - and the use too frequently, of small letters (or includes) jar too much from that apparent authenticity, besides not being current with that location in real headings. Furthermore, a text such as this would be more reasonable an arula or even an altar to be placed in the intimacy of home, however, the person chose a species of tombstone, or even a plaque,

allegedly intended to be incorporated in front the house, which is nothing usual.

However, there was an important attention that is important to reveal: the inclusion of archaic terminations: *domuus* (for *domus*), *Vicini* (for *vicinis*), *libertei* (for *liberti*), *eiius* (for *eius*). Those archaisms would fit well in the time of the monument. André de Resende knew exactly what he did! ... But it is also true that words like *Vicini* or *domestica* do not belong to the normal epigraphy vocabulary...⁴ Moreover, if considered by *domestica* a slave, she could only identify with a name; if, instead, were freed, would have the gentilities *Sertoria*, as the freed presented below, not *lunia*, name here together, moreover, with an cognomen quite rare: *Donace*. Remember that this is the same person mentioned in the inscription analyzed before.

Of course, we also drew attention to sentence *pro salute et incolumitate* that, in that data base of the peninsula, is recorded only once - and with many doubts (Hep 8 1998 357). This is in fact an expression that only became current from the third century and referring to emperors.

And the solemn events that followed the consecration of the house to its protective deities, the homes, are a curious mix of good inventions from evidence collected in real headings: the Compitálias were, in fact, the Roman festival in honour to the gods of Homes crossroads, but to the mention of games is usually added its characterization: what kind of games? Scenic? Of gladiators? ... The provision of banquets as part of a commemoration is often registered in epigraphy texts, but as was said, are not the neighbours, for nothing, those contemplated...

In resume:

In a time when the word “sacrifice” can join the trilogy “Memory, Myth and History”, we shall see that it may have happened in various epochs of Universal History.

Jumping the Peninsular War for another period also warrior and also to focus Peninsular, the “Roman invasion” and resistance offered to it, we were able to test how Sertório assumes the role of what is unjustifiably sacrificed and pays with death to surrender to a noble cause and that it believes and others repudiate. His figure, however, already in his time comes from a heavenly nimbus of easy communication with the deity that guides his steps and secrets his best decisions. To the writers (such as Camões), to the makers of educational compendiums under determined politics inspiration and to historians had the function of golden that halo - and, among all, André de Resende had the expertise to involve the figure of the warlord, ‘Lusitanian’ by adoption, of a sacred atmosphere. The politics and religion, after all, together with history - which, through times, the techniques and tactics persists, survive ... and take effect!

⁴ A fugitive query to the database of Roman headings of Iberian Peninsula - <http://www.ubi-erat-lupa.austrogate.at/hispep/public/index.php> - confirmed it: *domestica* appears only as a first name and there are ‘neighbours’ only as demonym to identify them: *vicina Cluniensis*, *vicina Caperensis*.